

# Avaliação da compreensão em libras por alunos surdos: uma proposta<sup>1</sup>

Cristina Broglia Feitosa de Lacerda 

Joice Raquel Batista Lemes 

Guilherme Nichols 

Rimar Segala 

Vinícius Nascimento 

Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP, Brasil.

## Resumo

A Língua Brasileira de Sinais (Libras) é importante para o desenvolvimento escolar do aluno surdo, todavia ações com a Libras nem sempre são contempladas e são escassas as formas de avaliar o uso e competência desta pelos alunos. Baseadas em pesquisa realizada na Espanha criamos uma ferramenta objetivando contribuir com a avaliação da compreensão dos alunos surdos em Libras. Selecionamos a fábula: “A tartaruga e a águia”, convidamos dois docentes surdos para gravarem vídeos com a fábula e 15 perguntas relativas à compreensão, resultando em duas versões, aplicadas para 16 alunos surdos (Ensino Fundamental). Resultados preliminares indicam a adequação das versões para idade dos alunos e a necessidade de ajustes na proposta visando aperfeiçoamento e validação.

**Palavras chave:** Educação bilíngue; Avaliação; Libras.

## Abstract

### *Libras understanding instrument for deaf students: one proposal*

The Brazilian Sign Language (Libras) is important for the school development of deaf students, however actions with Libras are not always contemplated and there are few ways to assess its use and competence by students. Based on research carried out in Spain, we created a tool aiming to contribute to the assessment of the understanding of deaf students in Libras. We selected the fable: “A The turtle and the eagle”, we invited two deaf teachers to record videos with the fable and 15 questions related to comprehension, resulting in two versions, applied to 16 deaf students (Elementary School). Preliminary results are presented indicating necessary appropriateness with regard to the student’s age group, and adjustments to be applied in the instrument aiming its validation.

**Keywords:** Bilingual Education; Evaluation; Libras.

---

<sup>a</sup> A Fábula ‘A tartaruga e a águia’ é atribuída a Esopo.

## Resumen

### *Evaluación de comprensión en libras por alumnos sordos: una propuesta*

La lengua de señas brasileña (Libras) es importante para el desarrollo escolar del alumno sordo, pero acciones con la Libras ni siempre son contempladas y son exiguas las formas de evaluar su uso y la competencia por parte de los estudiantes. Basadas en investigación realizada en España creamos una herramienta con el objetivo de contribuir con la evaluación de competencia de los alumnos sordos en Libras. Seleccionamos la fábula: “A tartaruga e a águia” e invitamos dos profesores sordos a grabar videos con la fábula y 15 preguntas relacionadas a la comprensión, que resultó en dos versiones, aplicadas a 16 alumnos sordos de la educación primaria. Los resultados preliminares presentan adecuación de las versiones para la edad de los estudiantes y ajustes necesarios que se aplicarán en la herramienta para su validación.

**Palabras clave:** Educación bilingüe; Evaluación; Libras.

## Introdução

A área da educação dos surdos apresenta um cenário de conflitos e desafios. Pela falta de acesso à língua majoritária, um histórico educacional voltado para ouvintes ou para fazer ouvir registra falhas e fracasso acadêmico de grande parte dos alunos surdos, ao longo da história e ainda na atualidade. Por mais de um século, os discursos sobre surdos produziram sujeitos deficientes, significados pela ausência da audição e da oralidade (SKLIAR, 1998; LODI, 2004; LOPES, LEITE, 2011). Impulsionado pelos estudos de Stokoe (1960) e sua descrição linguística da Língua Americana de Sinais, o discurso sobre a surdez sofre um deslocamento a partir da aceitação do valor e da função linguística das línguas de sinais como possibilidade de expressão em qualquer nível de abstração (MOURA, 2009).

No entanto, questões sobre as práticas educacionais voltadas aos sujeitos surdos que considerassem sua particularidade linguística só vieram a ser problematizadas algumas décadas mais tarde com o movimento multicultural da década de 1980 e o fortalecimento da comunidade surda, de sua língua e sua cultura (MOURA, 2000). Assim, a escola tem recorrentemente cometido o equívoco de esperar que o surdo adquira espontaneamente uma modalidade de língua para a qual ele é organicamente impedido por um canal sensorial que tem alterações e ainda requerer que, a partir de uma linguagem que não adquiriu plenamente e à qual não tem acesso adequado, aprenda conteúdos que não foram planejados de acordo com sua singularidade.

É preciso considerar que a linguagem emerge estruturada e organizada por uma língua, forma de transmissão cultural, pensamento e saber social (VOLÓCHINOV, 2009). No caso dos surdos, a língua de sinais, que pode ser adqui-

rida e significada em condições naturais de interlocução, é a língua, como sistema de signos, que permite a interação entre indivíduos, que assim se constituem na internalização das formas culturais da atividade, portanto, na e pela linguagem (GÓES, 1996; LACERDA, LODI, 2014).

A aprendizagem tardia da língua de sinais pode comprometer o avanço conceitual de alunos surdos, que se fixam apenas nos atributos concretos dos objetos, por falta de língua adquirida nas interações sociais (GOLDFELD, 2007). Sem possibilidades de aquisição de uma língua que permita significar e ser significado, as crianças surdas que não têm acesso à língua de sinais ficam sem acesso às funções psíquicas superiores, permanecendo aquém do desenvolvimento cognitivo esperado para sua idade. Filhos surdos de pais surdos que utilizam a língua de sinais (que não perfazem 10% dos casos,) têm a possibilidade de participar integralmente de práticas sociais em sua dimensão discursiva. Vão assim constituindo seus processos de significação de mundo, de constituição social e ideológica, processualmente desenvolvendo suas funções psicológicas superiores (VYGOTSKY, 1984), com as quais operam sobre si, sobre o outro e sobre o mundo. Este desenvolvimento linguístico lhes proporciona chegar à escola em condições de obter sucesso acadêmico. No entanto, se estas crianças se depararem em seu processo de escolaridade com ações de repressão e apagamento de sua língua, podem não ter o sucesso esperado.

Considerando estes aspectos, focalizamos a proposta de educação bilíngue para surdos como uma abordagem educacional que propõe tornar acessível à criança surda duas línguas no espaço escolar (GUARINELLO, 2007) a saber: a língua de sinais e a língua da comunidade majoritária (Língua Brasileira de Sinais e Língua Portuguesa – Libras, no caso brasileiro) considerando que a incursão no mundo da escrita se dará por processos visuais de significação baseados na língua de sinais.

Dominar a escrita é importante para os surdos, pois permite que eles se comuniquem com a sociedade, com os conhecimentos construídos pela humanidade e com a cultura local, integrando-os como cidadãos à nação a qual pertencem, ampliando seus conhecimentos e principalmente capacitando-os a produzir seus próprios enunciados. Isto implica se fazer lido e ler, compreender, responder, perguntar e argumentar (ARCOVERDE, 2006) e esse conhecimento pode ser construído com base no desenvolvimento linguístico em língua de sinais.

Destarte, é fundamental que as práticas escolares que envolvem o sujeito surdo estejam atentas ao desenvolvimento da Libras como uma ‘língua de interação face a face’, base fundamental para seu desenvolvimento linguístico-cognitivo e para aquisição da Língua Portuguesa na modalidade escrita. Todavia, são restritas às ações de formação e orientação aos professores sobre como proceder para gerar o desenvolvimento da Libras no espaço escolar. Em geral, o trabalho escolar enfatiza as práticas sobre língua escrita, mesmo entre ouvintes (GRÁCIA et al., 2012; LACERDA et al., 2020) realizando um trabalho precário com língua oral nas escolas. Essa forma de compreender o trabalho com a língua na escola ganha ainda mais relevância no que se refere à pouca ênfase no uso e desenvolvimento de Libras nos espaços escolares frequentados pelas crianças surdas e o foco excessivo nas atividades de escrita.

Para ampliar o trabalho do professor que atua com alunos surdos no que se refere à Libras, há que se investir em sua formação não apenas em relação ao uso dessa língua, mas também no que se refere ao conhecimento linguístico sobre ela (gramática, gêneros discursivos e etc.) e ainda desenvolver formas de avaliação do uso/domínio dessa língua por parte dos alunos para apoiar as práticas pedagógicas. Todavia, para o acompanhamento do desenvolvimento da Libras, faltam ferramentas que favoreçam a perspectiva de avaliação de desempenho na língua no âmbito escolar.

Quadros e Cruz (2011) apontam a escassez de instrumentos especialmente produzidos para avaliar a produção e a compreensão em Libras. A literatura da área revela poucos recursos avaliativos desenvolvidos para este fim. Em relação à compreensão textual, por exemplo, encontram-se com mais facilidade materiais avaliativos dirigidos para as línguas orais, e quase nunca propostas para as línguas de sinais. Contudo, isso “não acontece apenas no Brasil, como em outros países ainda há a necessidade de promoção de pesquisas para o desenvolvimento de instrumentos avaliativos em língua de sinais” (BARBOSA, LICHTIG, 2014, p. 23).

Barbosa e Lichtig (2014) afirmam que a maioria dos estudos abordam ferramentas avaliativas a partir da expressão de língua oral pelo aluno surdo por meio de atividades diversas, sem propostas de estudo específico dirigido à compreensão textual dos usuários de línguas de sinais. Nesse sentido, esta ausência caracteriza uma lacuna que merece ser preenchida visando colaborar para a ampliação de práticas de ensino e acompanhamento da Libras na escola.

## **Criação de uma ferramenta para avaliação da compreensão em Libras: fábula “A tartaruga e a águia”**

Visando criar uma ferramenta que colaborasse com as práticas escolares, auxiliando o professor a avaliar aspectos da competência linguística de seus alunos surdos em língua de sinais, e baseada em uma pesquisa realizada na Universidade de Barcelona, na Espanha<sup>1</sup>, que tinha o objetivo de observar o nível de compreensão de Língua de Sinais pelos alunos em escolas da Catalunha, decidimos criar também no Brasil uma ferramenta específica para essa finalidade, com objetivo de observar, desta vez, a compreensão da Libras. É importante lembrar que a proposta focada na Libras seguiu os mesmos moldes de organização da ferramenta original, a qual era composta por um vídeo com a narrativa de uma fábula em Língua Catalã de Sinais, e um vídeo com perguntas e respostas de múltipla escolha, de modo que o aluno surdo no momento da participação, deveria assistir aos vídeos com atenção e responder às perguntas em um gabarito previamente preparado para tal (JARQUE et al., 2017).

Para a criação da ferramenta no Brasil, elegemos uma fábula: “A tartaruga e a águia”<sup>2</sup> que foi apresentada, em sua versão escrita (Anexo 1), a um grupo de pesquisadores todos fluentes em Libras para que opinassem sobre a adequação dessa escolha tendo em vista nossas finalidades. Os pesquisadores foram unânimes em concordar que a fábula estava adequada aos nossos propósitos: investigar a compreensão do texto narrativo produzido em Libras por alunos surdos do Ensino Fundamental.

Deste modo, a fábula foi apresentada a dois docentes universitários surdos, os quais foram convidados a enunciá-la em Libras. Após uma discussão acerca de formas de enunciação, estes chegaram a duas versões diferentes de narração da fábula. Uma versão foi pensada para ser usada com crianças mais jovens, com menos contato ou com contato mais tardio com a Libras e outra versão pensada para ser usada com crianças e jovens com um conhecimento mais consolidado em Libras. Optamos por filmar as duas versões, de modo que uma delas era focada em usuários com menor conhecimento da língua (Versão 1) e a outra para usuários com maior conhecimento da língua (Versão 2).

---

<sup>1</sup> Relatório de Pesquisa (LACERDA, 2018).

<sup>2</sup> Esopo: fábulas completas. Tradução de Neide Smolka. São Paulo: Moderna, 1994.

Assim, para a formulação da proposta, a fábula em Libras, em cada uma das versões, foi narrada por cada um dos professores surdos sem qualquer informação adicional de imagens, como pode ver visto nas Figuras 1 e 2.



Fonte: Elaboração dos autores.

**Figura 1** – Narrativa da fábula em Libras. Versão 1.



Fonte: Elaboração dos autores.

**Figura 2** – Narrativa da fábula em Libras. Versão 2.

Em seguida, os professores surdos foram convidados a assistir a suas próprias narrativas em conjunto com a pesquisadora e uma auxiliar de pesquisa. Alguns trechos dos vídeos foram considerados confusos ou dúbios e foram refeitos até que toda a equipe se mostrou satisfeita com as versões em Libras produzidas.

Então, a partir das narrativas, foram elaboradas questões relativas à enunciação em Libras das fábulas, para cada uma das versões. As questões implicavam conhecimentos cognitivos e linguísticos e buscavam abordar a maior diversidade possível de aspectos. Assim, a equipe se reuniu várias vezes até chegar à formulação de 15 questões para cada uma das versões.

Esse processo também se apoiou na formulação realizada em Barcelona (JARQUE et al., 2017), que serviu como um exemplo para a atividade, contudo, não se constituiu como uma atividade de tradução, já que as questões foram

formuladas novamente a partir dos parâmetros da Libras e da percepção dos usuários de Libras sobre a pertinência de cada uma delas considerando aspectos cognitivos e linguísticos.

Para cada uma das questões (em cada uma das versões) foram formuladas três alternativas de resposta (formato de múltipla escolha). As perguntas e respostas foram então filmadas e revistas, até que se chegasse a um consenso sobre a adequação de cada uma delas. Os dois professores surdos, a pesquisadora e a auxiliar de pesquisa opinaram e trabalharam em conjunto na elaboração de cada uma das etapas. O trabalho de filmagem da proposta foi apoiado também por um técnico de recursos audiovisuais, que contribuiu com sua experiência técnica na área de produção de imagens e edição de vídeo, conforme ilustrado na Figura 3.



Fonte: Elaboração dos autores.

**Figura 3** – Produção da ferramenta de compreensão em Libras com apoio técnico.

Quando as duas versões da ferramenta de avaliação estavam prontas, convidamos outros pesquisadores fluentes em Libras para que assistissem aos vídeos, fizessem comentários sobre a adequação das narrativas e, em seguida, respondessem às perguntas, comentando sobre suas impressões sobre cada uma delas. A devolutiva do conjunto de professores, que participaram como juízes<sup>3</sup> para análise do material que estávamos criando, foi de que os vídeos estavam bastante claros. Sobre as perguntas, eles indicaram diferentes graus de dificuldade para cada uma delas e foram unânimes em dizer que as perguntas estavam claras e eram pertinentes no contexto da fábula apresentada.

<sup>3</sup> Os professores que colaboraram como juízes são quatro professores universitários, sendo uma professora surda doutora e três professores ouvintes (dois doutores e uma mestre), todos fluentes em Libras e com experiência de pesquisa na área de Libras.

O produto final da ferramenta de compreensão em Libras da fábula “A tartaruga e a águia” consiste então de duas versões: uma versão pensada para ser usada com crianças mais jovens e/ou com menos contato com a Libras (Versão 1) e a outra pensada para ser usada com crianças e jovens com um conhecimento mais consolidado em Libras (Versão 2). Cada uma das versões compreende dois vídeos sendo: um com a enunciação da fábula, a qual os alunos deveriam assistir com atenção e outro com 15 questões referentes a fábula enunciada, apresentando respostas em formato de múltipla escolha, as quais os alunos também assistiriam cada uma delas, respondendo em uma folha de papel no formato de gabarito

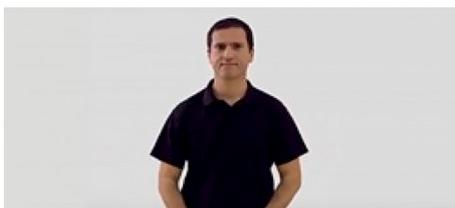
O material referente à Versão 1 tem duração total de 11:20 minutos, sendo 3:13 minutos, para a enunciação da fábula e 8:07 minutos para as 15 questões referentes a ela. Já a Versão 2 tem duração total de 8:42 minutos, sendo 2:29 minutos para a enunciação da fábula e 6:13 minutos para as 15 questões referentes a ela.

A edição dos vídeos foi realizada com o *software* Adobe Premiere<sup>®</sup>, que permitiu aplicar técnicas de tratamento de imagem, edição de fundo e inserção de figuras no material final. Também optamos por deixar nas duas versões, o fundo na cor branca para valorizar a sinalização dos professores, como mostrado nas Figuras 4 e 5.



Fonte: Elaboração dos autores.

**Figura 4** – Cenas da Enunciação da fábula Versão 1 com fundo branco.



Fonte: Elaboração dos autores.

**Figura 5** – Cenas da Enunciação da fábula Versão 2 com fundo branco.

Já para as perguntas decidimos que um fundo mais escuro seria o mais adequado, de modo que as alternativas apareceram no canto superior direito da tela como mostra as Figuras 6 e 7.



Fonte: Elaboração dos autores.

**Figura 6** – Enunciação das questões Versão 1 com fundo mais escuro.



Fonte: Elaboração dos autores.

**Figura 7** – Enunciação das questões Versão 2 com fundo mais escuro.

## **Aplicação da ferramenta de compreensão de Libras: fábula “a tartaruga e a águia”**

Uma vez prontas as duas versões, decidimos realizar uma aplicação piloto destas, buscando obter informações que pudessem ser relevantes na direção da consolidação e/ou alteração da proposta.

Dessa maneira, esta foi aplicada em uma escola municipal, no interior de São Paulo, a qual desenvolve um Programa de Educação Inclusiva Bilíngue para surdos<sup>4</sup>. Os alunos participantes eram surdos e estavam matriculados no Ensino Fundamental em diferentes anos. Vale lembrar que os alunos serão identificados com nomes fictícios a fim de preservar suas identidades.

<sup>4</sup>Ver Lacerda (2018).

**Tabela – Alunos surdos participantes Ensino Fundamental.**

Nome/identificação	Dados nasc.	Início - Educação Inclus. Bilíngue	Série escolar	Idade-início coleta dados
A1 Meire	04/2012	09/2017	1º ano	7a
A2 Jonas	04/2012	10/2015	1º ano	7a
A3 Kelly	12/2010	2016/Ed. Inf	2º ano	7a e 6m
A4 Rubens	08/2010	2016/Ed. Inf	2º ano	7a e 10m
A5 Ricardo	03/2010	2017/2º ano	3º ano	8a e 3m
A6 Vilma	01/2009	2017/3º ano	3º ano	9a e 5m
A7 J. Paulo	05/2008	2017/3º ano	4º ano	10a e 1m
A8 José	01/2008	2013/Ed. Inf	4º ano	10a e 5m
A9 Kaique	08/2006	2015/3º ano	4º ano	11a e 10m
A10 Milton	05/2007	2012/Ed. Inf	4º ano	11a e 2m
A11 Roberta	09/2007	2012/Ed. Inf	4º ano	10a e 9m
A12 Karina	07/2006	2012/Ed. Inf	4º ano	12a e 1m
A13 Marcos	04/2002	2011/2º ano	8º ano	15a e 10m
A14 Olavo	08/2003	2012/3º ano	8º ano	15a e 2m
A15 Henrique	09/2001	2011/2º ano	8º ano	16a e 3m
A16 Alex	07/2000	2012/Ed. Inf	8º ano	17a e 1m

Fonte: Autores.

Para a aplicação foi elaborada uma folha de respostas em formato de tabela para que os participantes pudessem preenchê-la de acordo com as alternativas que identificassem como corretas, conforme a Figura 8.

Nome:	Idade:	Ano	
1	A	B	C
2	A	B	C
3	A	B	C
4	A	B	C
5	A	B	C
6	A	B	C
7	A	B	C
8	A	B	C
9	A	B	C
10	A	B	C
11	A	B	C
12	A	B	C
13	A	B	C
14	A	B	C
15	A	B	C

Fonte: Elaboração dos autores.

**Figura 8 – Folha de respostas das perguntas de compreensão da fábula.**

As versões foram aplicadas durante a oficina de Libras (realizada na escola), atividade esta que reúne o conjunto dos alunos surdos matriculados no Ensino Fundamental. Optamos por aplicar inicialmente a Versão 1 e, posteriormente, a Versão 2, para então analisar o desempenho deles nas duas versões propostas. Os respondentes foram 16 alunos, com idades variando entre sete e 17 anos, todos frequentando o Ensino Fundamental, conforme apresentado na Tabela.

A oficina de Libras é coordenada por um instrutor surdo e a aplicação se deu da seguinte forma: os alunos assistiram ao vídeo com a fábula, em seguida, foi explicado como as respostas deveriam ser marcadas no gabarito, logo após foi exibido o vídeo que continha as questões relacionadas a fábula e os alunos foram convidados a respondê-las (ilustrado pela Figura 7). Entre a exibição de uma pergunta e outra, o vídeo era pausado para que os participantes tivessem tempo de selecionar a resposta correta.



Fonte: Elaboração dos autores.

**Figura 9** – Alunos assistindo a fábula (Versão 1).

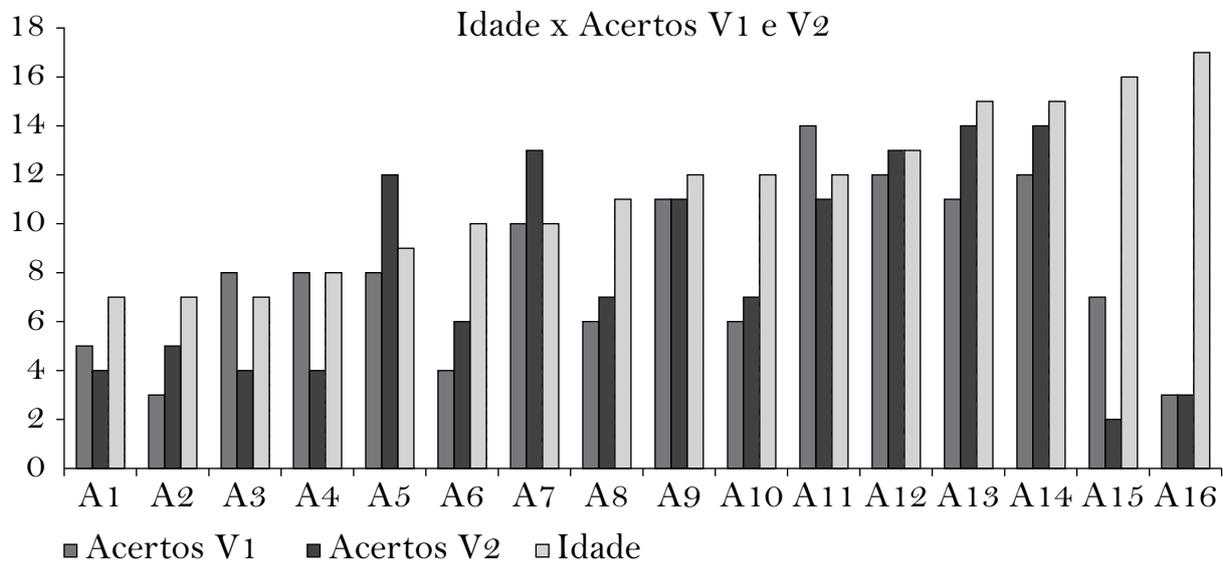
Os procedimentos duraram cerca de uma hora e estavam presentes na sala além do auxiliar de pesquisa, o instrutor surdo (responsável pelo ensino de Libras para os alunos na escola), que também colaborou no momento da aplicação da avaliação.

Após quatro meses, a Versão 2 foi aplicada com os mesmos procedimentos utilizados para a Versão 1.

## **Experimentando uma nova forma de avaliação da compreensão em Libras**

Os alunos surdos que participaram desta aplicação-piloto nem sempre mantêm uma relação idade/série escolar adequada. Alguns deles tiveram acesso tardio à

Libras e a Educação Bilíngue e estão em idade mais avançada que aquela esperada para determinada série. Este fator pode influenciar os dados encontrados e por essa razão cabe destacá-lo, como pode ser visto no Gráfico, que apresenta os acertos dos alunos para cada uma das versões da fábula em Libras, e suas respectivas idades.



Fonte: Elaboração dos autores.

**Gráfico** – Resultado da avaliação de compreensão obtido pelos alunos nas duas provas.

Antes de expor as considerações acerca dos resultados, cabe destacar que a Versão 1 foi aplicada inicialmente e, na ocasião, era a primeira oportunidade de os alunos realizarem uma prova desse tipo: assistir a um vídeo em Libras; memorizar aspectos que seriam demandados a partir de perguntas em Libras, com respostas de múltipla escolha; e indicar sua opção em um gabarito. A compreensão do que seriam múltiplas escolhas, a eleição da opção considerada correta e o preenchimento do gabarito consistiram em um desafio adicional na aplicação da ferramenta, já que para vários alunos esse tipo de atividade foi uma novidade. A realização da atividade com a Versão 2 ocorreu quatro meses após a aplicação da Versão 1 e os alunos, então, já tinham algum conhecimento sobre a atividade como um todo. Não é possível afirmar com exatidão qual a interferência da realização da atividade com a Versão 1 na realização da atividade com a Versão 2, contudo esse é um aspecto que merece atenção em estudos futuros.

Nossa proposta, quando da criação da ferramenta, era que ela fosse sensível ao conhecimento de Libras dos alunos e à sua faixa etária. Assim, quanto maior o conhecimento de Libras e a idade (desenvolvimento cognitivo) melhor seria o desempenho esperado.

Iniciamos nossa discussão pelos resultados obtidos por A15 e A16. São alunos com 16 e 17 anos respectivamente que frequentam o oitavo ano do Ensino Fundamental. Ambos os alunos tiveram acesso tardio à Libras (por volta dos 10 anos de idade) e apresentam, além da surdez, outros comprometimentos cognitivos. Seus acertos em relação às perguntas apresentadas na avaliação são, em média, piores que aqueles alcançados pelos alunos que frequentam os anos iniciais do Ensino Fundamental. Eles apresentam, em geral, um atraso em seu desenvolvimento cognitivo e os resultados em relação à ferramenta aplicada se mostram compatíveis com o que observamos cotidianamente em seu desempenho na vida escolar.

Passamos então a considerar o desempenho dos demais alunos que têm uma relação idade/série mais adequada e não apresentam outros comprometimentos associados à surdez. Entre as crianças menores entre 7 e 8 anos (A1, A2, A3 e A4), encontramos no Gráfico, de maneira geral, um baixo número de acertos, indicando que a tarefa de compreensão da fábula proposta se mostra bastante complexa para elas. Ainda assim, elas tiveram um maior número de acertos na Versão 1, quando comparado com seu desempenho na Versão 2, com exceção apenas para o aluno A2. Entre as crianças mais velhas apenas A11 teve mais acertos na Versão 1 que na Versão 2. Assim, parece que a Versão 1 se mostra mais adequada para avaliação da compreensão em Libras dos alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Entre as crianças maiores de nove a 15 anos (de A5 a A14), o número de acertos oscilou bastante – entre 4 e 14 acertos – considerando as duas versões, indicando diferenças importantes nos níveis de compreensão dos diferentes alunos, provavelmente relacionada ao seu domínio de Libras. Contudo, o maior número de acertos foi sempre na Versão 2 da fábula, excetuando-se A9, que teve acertos iguais para as duas versões, e A11 que teve mais acertos na Versão 1. Esses resultados parecem indicar que a Versão 2 se mostra mais adequada para avaliação dos alunos do Ensino Fundamental após o ciclo inicial.

No que tange a aplicação da proposta, percebemos algumas reformulações que se fazem necessárias. O gabarito para preenchimento das respostas pode se constituir como um obstáculo para os alunos, principalmente para os mais novos: escolher a resposta correta e correlacioná-la a uma letra (alternativa a, b ou c) não foi tarefa fácil para vários alunos. Na Figura 8, a título de exemplo, está a folha de respostas do aluno A4 que tem certa fluência em Libras, mas que nas questões iniciais assinalou todas as

alternativas e, só mais adiante, durante a avaliação pareceu compreender melhor como deveria responder às questões formuladas.

1	A	B	C
2	A	B	C
3	A	B	C
4	A	B	C
5	A	B	C
6	A	B	C
7	A	B	C
8	A	B	C
9	A	B	C
10	A	B	C
11	A	B	C
12	A	B	C
13	A	B	C
14	A	B	C
15	A	B	C

Fonte: Elaboração dos autores

**Figura 10** – Gabarito preenchido pelo aluno A4 para a Versão 1.

### Algumas considerações

De modo geral, os resultados indicam uma curva de compreensão ascendente entre os alunos (quanto maior a idade maior o número de acertos). Neste sentido, é fundamental que a aplicação seja feita em um número maior de sujeitos, considerando seu tempo de acesso/uso da língua de sinais para que possamos tirar conclusões mais acertadas.

Sabemos também da importância de analisar os acertos e erros dos alunos para cada uma das 15 perguntas apresentadas, nas Versões 1 e 2, para que possamos avaliar

a maior ou menor adequação de cada uma delas e proceder os ajustes necessários. Trata-se de uma proposta de avaliação da compreensão em Libras ainda em construção. A análise dos acertos por questão também pode nos dar bons indicativos dos aspectos mais facilmente compreendidos pelos alunos em Libras, e os erros podem nos indicar aspectos que demandam maior atenção no trabalho pedagógico com essa língua.

No entanto, entendemos como pertinente levar também em consideração os aspectos pensados por trás de cada questão, buscando compreender o comportamento de cada participante em cada uma das questões de forma individual, para seguir com o aperfeiçoamento da ferramenta, o que nos elucida a relevância da continuidade desta pesquisa.

Assim, estes resultados preliminares indicam a necessidade de ajustes na ferramenta e novas aplicações para acompanhamento do comportamento das respostas encontradas. Tais aplicações são muito importantes, para ampliar a investigação e colaborar para a validação dessa ferramenta em construção. Essa proposta de avaliação da compreensão da Libras por alunos surdos no Ensino Fundamental nos parece promissora, uma vez que, essa etapa inicial de proposição e aplicação, já favoreceram discussões importantes que envolvem a Educação de Surdos e avanços no atendimento desse público.

## Referências

- ARCOVERDE, R. D. L. Tecnologias digitais: novo espaço interativo na produção escrita dos surdos. *Caderno Cedes*, Campinas, v. 26, n. 69, p. 251-67, maio/ago. 2006. <https://doi.org/10.1590/S0101-32622006000200008>
- BARBOSA, F. V.; LICHTIG, I. Protocolo do perfil das habilidades de comunicação de crianças surdas. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 22, n. 1, p. 95-118, jun. 2014. <https://doi.org/10.17851/2237-2083.22.1.95-118>
- GÓES, M. C. R. *Linguagem, surdez e educação*. Campinas, SP: Autores Associados, 1996.
- GOLDFELD, M. *A criança surda: linguagem, cognição numa perspectiva interacionista*. São Paulo, SP: Plexus, 2007.
- GRÀCIA, M. et al. Com ensenyen a parlar el nostre alumnat? Formació des de la metodologia conversacional. *Àmbits de Psicopedagogia*, Barcelona, n. 36, p. 35-9, nov. 2012a.
- GUARINELLO, A. C. *O papel do outro na escrita de sujeitos surdos*. São Paulo, SP: Plexus, 2007.

JARQUE, M. J. et al. *Prueba de comprensión en lengua de signos catalana*. Barcelona, 2017.

LACERDA, C. B. F. *Adaptação de uma escala de avaliação de interlocução no espaço escolar para o contexto da educação bilíngue de surdos*. São Carlos, SP: Universidade Federal de São Carlos, 2018. (Relatório final de pesquisa. Processo Fapesp 2016/13276-2). Disponível em: <<https://bv.fapesp.br/pt/bolsas/167762/adaptacao-de-uma-escala-de-avaliacao-de-interlocucao-no-espaco-escolar-para-o-contexto-da-educacao-b/>>. Acesso em 13 nov. 2020.

LACERDA, C. B. F., GRÁCIA, M.; JARQUE, M. J. Línguas de sinais como línguas de interlocução: o lugar das atividades comunicativas no contexto escolar. *Revista Brasileira de Educação Especial*, Bauru, v. 26, n. 2, p. 299-312, abr./jun. 2020. <https://doi.org/10.1590/1980-54702020v26e0162>

LACERDA, C. B. F.; LODI, A. C. B. A inclusão escolar bilíngue de alunos surdos: princípios, breve histórico e perspectivas. In: LODI, A. C. B.; LACERDA, C. B. F. *Uma escola duas línguas: letramento em língua portuguesa e língua de sinais nas etapas iniciais de escolarização*. Porto Alegre, RS: Mediação, 2014. p. 11-32.

LODI, A. C. B. A leitura como espaço discursivo de construção de sentidos: oficina com surdos. 2004. 248 fls. Tese (Doutorado em linguística aplicada e estudos da linguagem) — Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, SP, 2004.

LOPES, M. A. C.; LEITE, L. P. Concepções de surdez: a visão do surdo que se comunica em língua de sinais. *Revista Brasileira de Educação Especial*, Marília, v. 17, n. 2, p. 305-20, maio/ago. 2011. <https://doi.org/10.1590/S1413-65382011000200009>

MOURA, M. C. *O surdo: caminhos para uma nova identidade*. Rio de Janeiro, RJ: Revinter, 2000.

\_\_\_\_\_. As leis e a realidade. In: MOURA, M. C.; VERGAMINI, S. A. A.; CAMPOS, S. R. L. *Educação para surdos: práticas e perspectivas*. São Paulo, SP: Santos, 2009. p. 49- 63.

QUADROS, R. M.; CRUZ, C. R. *Língua de sinais: instrumentos de avaliação*. Porto Alegre, RS: Artmed, 2011.

SKLIAR, C. (Org). *A surdez: um olhar sobre as diferenças*. Porto Alegre, RS: Mediação, 1998.

STOKOE, W. Sign language atructure: an outline of the visual communication systems of the american deaf. *Studies in Linguistics*, Buffalo, n. 8, 1960.

VOLÓCHINOV, V. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas do método sociológico para a ciência da linguagem*. 13. ed. São Paulo, SP: Hucitec, 2009.

VYGOTSKY, L. S. *A formação social da mente*. São Paulo, SP: Martins Fontes, 1984.

## Anexo I

### *A TARTARUGA E A ÁGUIA*

Certa vez havia uma tartaruga muito inconformada com vida que tinha, e por isso não fazia outra coisa a não ser lamentar-se.

Ela estava realmente cansada de andar lentamente por todo lugar, com sua carapaça nas costas.

Seu maior desejo era poder voar com velocidade e ver a terra das alturas, assim como faziam outros animais.

Um dia uma águia estava voando bem baixo, e a tartaruga sem pensar duas vezes pediu a ela que a levasse para voar.

A águia, meio a contragosto, atendeu ao pedido da tartaruga e a agarrou pelas costas com suas poderosas garras e a levou a voar mais alto que as nuvens.

A tartaruga estava maravilhada com o que via. Pensou na inveja dos outros animais terrestres que nunca tinham voado. “Eles devem estar olhando para mim com inveja por me ver voar assim”.

A águia cansada por carregar o peso da tartaruga a solta e a tartaruga cai em cima das pedras. A carapaça da tartaruga fica quebrada em mil pedaços.

**Submetido em:** 18/02/2020

**Aceito em:** 01/09/2020

## **Sobre os autores**

### **Cristina Broglia Feitosa de Lacerda**

E-mail: [cbflacerda@gmail.com](mailto:cbflacerda@gmail.com)

### **Joice Raquel Batista Lemes**

E-mail: [joicebatista97@hotmail.com](mailto:joicebatista97@hotmail.com)

### **Guilherme Nichols**

E-mail: [gnichols@ufscar.br](mailto:gnichols@ufscar.br)

### **Rimar Segala**

E-mail: [rimar@ufscar.br](mailto:rimar@ufscar.br)

### **Vinícius Nascimento**

E-mail: [nascimento\\_v@ufscar.br](mailto:nascimento_v@ufscar.br)